

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM O SR. JOÃO FLORES
("MACHADINHO") REALIZADA EM ABRIL DE 1993

P.-Por que o seu apelido é Machadinho?

R.-O meu apelido é Machadinho porque quando eu fui pra trabalhá, eu era ajudante de padeiro, este padeiro que eu era ajudante chamava-se Machado e eles então, os padeiros, para facilitar, porque o meu nome é João, eles então falavam o Machadinho, eu era o ajudante do Machado, então daí seguiu, Machadinho, Machadinho,...

P.-Como era o nome todo deste com quem o senhor trabalhava?

R.-Ah, ele era português, chamava-se Jorge, mas o sobrenome eu não sei, a gente não guarda,...

P.-Mas esse Machado era,...?

R.-Ah, esse Machado que eu trabalhava era brasileiro,...

P.-E como era o nome dele?

R.-Esse era Fernando Machado, ou ... eu não tenho bem idéia...

P.-Ah, tá certo, porque depois houve um presidente do sindicato que era Leopoldo Machado...

R.-Ah, isso foi agora depois de 30.

P.-Depois de 30...

R.-Ele foi deputado, ainda. Esse trabalhou muito. Esse era de Santa Maria, ele chegou aqui numa greve que nós fizemos em 1923 e que tirou muitos padeiros do interior do estado para vir para cá. Ele até era um baluarte. Ele até foi boicotado, ele se meteu foi na política obrigado. Naquele tempo era assim, se o senhor tivesse um envolvimento qualquer os patrões se uniam e não lhe davam lugar. Eu naquela época era um moleque,..., senão eu podia lhe dizer muita coisa.

P.-O senhor começou como ajudante então com 12 anos, em 1916-17, por aí?

R.-É.

P.-E como é que era o trabalho, para o senhor começar como ajudante, o que era o trabalho do padeiro?

R.-O trabalho naquele tempo, muitas padarias, muito pouca tinha mecânica, máquinas, era tudo feito à mão mesmo. Era umas masseiras enormes, sistema um cocho, assim quadrado, né, mais ou menos com três, quatro metros de comprimento, e com 50 cm, 60 cm de largura, e quando se ia fazer a massa a gente colocava ali dentro, se a massa fosse uma massa de 5 sacos a gente colocava, 5 sacos de farinha, botava dois e meio naquele e dois e meio nesse ((lados)), e se botava água, quer dizer, naquele tempo um saco de farinha tinha 24 quilos, então cabia cada lata d'água era um saco de farinha. Então se media a quantidade d'água, quando nós, quando tinha aquela água ali dentro da masseira, vinha dois daquele lado e dois desse, até ela se unir uma com a outra. Vinha o sistema de massa, era uma massa que se fazia e aquilo ficava para levedar, três horas, depois de três horas a gente socava ela e colocava ela dentro do (inaudível) e fazia o pão

ali, conforme a quantidade, se era 5 sacos, se era 2 homens, se eram 3 homens, era por empreitada, era por tarefa, quer dizer que em geral tinha hora para pegar mas não tinha hora para largar, a largada tava em nós, se nós fizéssemos o serviço de 3 horas em 2 e 1/2 nós íamos embora, porque era por tarefa, assim era quase todos os padeiros, isso era nesse tempo, antes da máquina... eu tenho que ir conversando e o senhor vendo... eu vou vacilar muito, eu tô dizendo pro senhor, eu tô com 88, eu tô vindo lhe dizer coisas de 70 anos atrás, é uma vida, o senhor sabe que é uma vida?

P.-É uma vida grande inclusive,...

R.-É, eu me recordar aqui, é uma biblioteca,... né, quer dizer, agora nesse tempo se fazia isso, era por tarefa, agora em 30 foi que se fez a greve, né teve uma greve geral em 1932,33,34, que adonde se reuniu 2, 3 sindicatos que obrigaram por lei o Ministro do Trabalho vir aqui, porque os patrões queriam dar 8 horas e não podiam, a fermentação não adotava o sistema de trabalho que tinha que ser, então o sindicato levantou o pessoal, ninguém trabalhou, parou, 24 horas parado, até o Ministro do Trabalho vir ... o sindicato era ali na Riachuelo, na esquina daquela rua ali do Correio do Povo, ali parece, ali defronte tem um edificio alto, naquele edificio era o sindicato.

P.-Quer dizer que o prédio antigo não existe mais?

R.-Eu penso que não existe mais.

P.-Tem um edificio novo agora no lugar?

R.-É.

P.-Vocês reuniam na sede, eram vários sindicatos na mesma sede, né, sede da Cosmopolita?

R.-É isso mesmo, a cosmopolita, agora o senhor tá me chamando a atenção, eles eram anexo a nós, por os sindicatos deles, nós infiltrava, a nossa sessão nós dava junto com eles, nós não tinha totalmente uma sede própria, tinha ali, e ali tinha diversos sindicatos, tinha os barbeiros, tinha os alfaiates, tinha os ... alguns me fogem à memória porque eu também não ia me interessar.

P.-Se interessava na sua categoria.

R.-Na minha categoria, aí eu me interessava, né, ajudava, cooperava, eu me criei ali, o pessoal eu sempre gostei do sindicato, sempre fui um elemento, sempre ajudei os padeiros, ... agora eu fazia com o sindicato. Antes que o sindicato era um sindicato anarquista, né. Quando foi fundado o sindicato eu tinha 8 anos. O sindicato pegou a se movimentar, ele fez greve o sindicato porque não queria que se fizesse pão de domingo para segunda, tinha que ter um dia de descanso e os patrões não, não admitiam esse sistema, então foi adonde (isso eu ouvia quando era guri, né) dizia "-A gente tem que ter um dia de descanso", o pessoal, né, revoltado, porque o padeiro naquele tempo era, era o diabo né, o senhor pode ver, eles comentavam : "-Os padeiros tem que ter um dia de descanso". E os patrões não , os patrões queriam que o pão fosse rotativo. Então esses anos até 1917 mais ou menos, eu já era menino taludo né, foi o sindicato, essa padaria 5 Estrelas, porque o sindicato tinha isso, ele mandava avisar ele por exemplo, o senhor era dono de uma padaria, então o sindicato mandava uma carta, né para você, que não fizesse mais pão segunda feira, o senhor teimasse, eles comunicavam- então agora nós vamos, nós vamos resolver o problema. E aguardavam essa padaria 5 Estrelas até deram uma nesse tempo até eu tava lá dentro, eu era gurizote, eu tava lá dentro, eles assaltaram...

P.- Assaltaram?

R.- Assaltaram a padaria, é, atiraram e tudo, quer dizer que à época na padaria não houve ferimento, não houve nada, nós era gurizote, nós saímos lá pra dentro. Isso não tinha...quer dizer, a gente até fugia às vezes. Dali por diante os padeiros sempre eram acusados pela polícia, porque aqui tinha uma escolta presidencial, como se chama né? e eles, que(...) era gente preparada, então os movimentos qualquer ela tava em ação. E foi o caso mais sério que eu posso te dizer, foi ... olhe, eu não quero lhe mentir, não, foi quando sindicato (susurrado) *matou um sujeito* eles avançaram ali na esquina da rua Senhor dos Passos com a Vigário José Inácio, ali tinha uma padaria, Padaria do seu Piccini, era uma das padarias mais fortes de Porto Alegre, seu Alexandre Piccini, e ali o sindicato mandou comunicar ,né? Ele era homem rebelde, ele era um homem com poder, ele era um homem rico né, porque ele era dono daquela quadra toda e então o sindicato mandou comunicar-lhe que não fizesse e mandou dizer ao pessoal que, aquele o que fosse trabalhar estava sujeito a morrer, e eles não ligaram, não ligaram e dali a dois dias, três dias , dois, três homens do sindicato, eu não sei quem eram eles, (a gente sabe porque a gente convivia né, é que nem nós três aqui, se acontece alguma coisa o senhor sabe, eu sei,) e eles matavam né, morreu um padeiro, teimaram em fazer pão e ali por volta da madrugada eles assaltaram a padaria, assaltaram, a donde, né, foi um foi um padeiro preso , e a polícia naquele tempo eu me lembro, eu era gurizote, prenderam aquele mais, mais revoltoso, e largaram ele ali prá fora, né, parece que largaram ele para Santana do Livramento. E foi adonde ai onde se deu uma greve geral aqui, porque ai sindicatos se uniram né, prá buscá , porque o chefe da polícia mandou deportar porque eram anarquistas, porque eles tacharam a gente como anarquistas , eles às vezes diziam assim pra mim, eu tava numa padaria eles diziam assim: negrinho também é anarquista , e eu dizia - o que que eu sei disto ?... eu não conhecia nada... eu dizia então: o anarquista é aquele que pede dinheiro, aquele que acha que ganha pouco? Eles mandaram o empregado embora para fora, então surgiu dois ou três...

P.- O senhor tinha quantos anos?

R.- Olha, por essa época eu já tinha, eu já era por exemplo eu tinha uns quinze anos ou dezesseis anos. Nessa época eu já tinha isso, mais ou menos, eu tinha pouco mais ou pouco menos tinha até menos do que isso e não mais, e adonde então tinha o sindicato dos canteiros, tinha o sindicato nosso...

P.- Mas o que é canteiro?

R.-Canteiro, eu não sei pronunciar a palavra , é esses homens que calçavam a rua. Agora eu não sei qual o nome deles.

P.- Não é porque muda mesmo, isto eu queria saber e lhe perguntar, quais as profissões que existiam entre os padeiros , tinha o forneiro, o que é que o forneiro fazia?

R.- O forneiro é aquele que mete o pão pra dentro do forno, pro pão cozinhar, aquele homem tem uma pá dele e tem o ajudante dele, ajudante de forneiro. Ele coloca o pão na pá e o forneiro coloca o pão pra dentro, quando o pão já está cozido o forneiro tira e o ajudante(...) põe no balaio.

P.- E ele tem que ser mais especializado?

R.- O forneiro não, ele tem que ter um conhecimento da caloria do forno, sabe essa coisa toda, porque sempre tem um mestre, um responsável por todo o serviço da padaria aquele é um homem especializado , tinha naquele tempo né. Aquele controlava tudo, mandava o forneiro, mandava o ajudante, mandava o senhor...

P.- E esse mestre participava do sindicato também ou não era de confiança do patrão?

R.- As vezes tinha padaria que aquele homem era um gerente..

P.- Um homem de confiança do patrão?

R.- Exato, esse homem era sempre vigiado pelos patrões, talvez nunca...nunca...

P.- Mas tinha alguns que tavam do lado..

R.- Tinham algumas padarias que esse mestre era nosso, dos padeiros , eu também cheguei a ser encarregado de serviço, agora por último né...

P.- E o que era um quadrista ?

R.- Um quadrista era aquele que ajudava, ficava na mesa, quando tava a massa em cima da mesa ele pegava, tinha um senhor que tinha uma balança, ele pesava , com a continuação do trabalho a gente aprende a pesar. Se o pão é 200 gramas , o senhor pega assim uma pelada, já sai 200 gramas, às vezes sai um pouquinho escasso mas sai assim, né? Então quer dizer que este chamasse um quadrista, um pesador de pão, tinha um salário especializado. Tinha o quadrista, tinha o pesador de pão, tinha o masseiro.

P.- O que é um fermenteiro?

R.- O fermenteiro é aquele que inicia o serviço que hoje não é mais adotado, no sistema moderno perdeu-se , eu chegava e o mestre mandava eu fazer, tinha uma masseira ali, o senhor chegava e dizia: põe 5 quilos de farinha aí.. Botava 5 quilos de farinha e mais ou menos 2 quilos de massa cozida, eu botava um pouco d'água, desmanchava bem desmanchadinho e dava umas pelada. Pelada é uma....(gesto com a mão)..... que se dava assim, depois deixava aquilo bem molzinho depois eu tomava , deixava aquilo, embrulhava assim aquilo com(farinha).....deixava bem durinho, depois demorava mais ou menos 4 horas naquele sistema monótono. Depois de 4 horas aquilo era fermento então dali o mestre mandava pegar o que ele precisava para fazer a quantidade de pão que ele precisava para fazer a quantidade de pão que ele queria ... Isso foi há muito tempo, isso de 30 para cá já apareceu fermento fleischman ai, que naquele tempo não tinha, era fabricado com a própria farinha.

P.- E o repartidor?

R.- Repartidor é aquele que distribuía o pão na rua, quer dizer que nós fabricava dentro da padaria, o pão sovado, pão d'água, massa doce e o repartidor, eles tinham uma camionete né, então ele vinha levar aquele pão 100, 200, 300 e ganhava 20 ou 30%, ele ganhava uma porcentagem, conforme ele até...

P.- Por que já teve, por exemplo, um sindicato próprio dos repartidores?

R.- Sim, quer dizer não., os repartidores não tinham sindicato eles trabalhavam junto com o sindicato, até foi um fracasso no sindicato porque os estatutos do sindicato antes não aceitava. Quando eles fundaram o sindicato, o sindicato não aceitava lá os anexo a ele, não fosse padeiro não podia se associar, pra não haver isso e foi donde enfraqueceu o sindicato foi isso , porque os repartidores entravam de sócio e então o sindicato tinha que defender eles (depois que os estatutos deixaram eles entrar no sindicato) então eles as vezes ficavam devendo para os donos de padaria e os donos de padaria se uniam , se uniram muito e ali na Venâncio Aires, onde é o cinema Avenida, ali tinha uma padaria, Padaria Delgado e tinha um repartidor ali (em 1924, por aí, é um monte de anos) (é o que eu lhe disse, eu não quero dizer coisa no ar... porque isso é uma coisa séria, nós estamos aqui, isso é um diálogo, amanhã depois o senhor vai esclarecer isso e há de ter alguém que também compreenda isso). Agora aqui em Porto Alegre daquela padeirada sobrou muito pouco , tem muito pouco, a maior parte já morreu, então nós era por categoria, era o mestre, era o contra-mestre, era o gerente, era o supervisor, era o quadrista então cada um ganhava um ordenado especial, o mestre ganha 300 mil réis, o

forneiro 200, o masseiro de pão ganhava 160, aquele que pesava o pão ganhava 180 de acordo com a capacidade dele era o salário que ganhava.

P.- Pra várias especializações?

R.- Cada um na categoria dele, todo mundo tinha a sua categoria, se o senhor era forneiro era forneiro, não é como hoje não, hoje não tem isso, hoje, depois que apareceu o salário-mínimo, hoje não tem categoria, hoje o senhor entra na padaria, o senhor sabe ler e escrever agarra um livro que diz a massa leva tantos..... de masseira....o senhor faz o pão.

P.- Agora diz uma coisa, o senhor tinha um aprendizado, o senhor começava como ajudante, não é? Pequeno ainda, menino, depois de um tempo já podia ser considerado um padeiro, aprendia o próprio trabalho?

R.- Eu comecei como ajudante do Machadinho depois eu me influía, porque naquele tempo nós repartia aqui no Partenon, nós chegava seis horas da tarde na padaria e eu me encostava ali na mesa vendo os padeiros fazendo o pão eu gostava e daí eu fui aprendendo, né, porque eu queria ganhar mais um pouquinho(eu fui crescendo e já queria fazer uma farra né) fui indo né, daí a minha profissão era padeiro, mas chegou uma época em que eu não tinha mais padaria para trabalhar.

P.- Por causa da perseguição?

R.- Por causa da perseguição, porque o senhor pode ver a minha matrícula do sindicato, porque não era só eu padeiro em Porto Alegre, era milhares, o sindicato tinha padeiro, a minha matrícula ainda não é das mais baixas é 300 e pouco, e que dê estes outros padeiros? Então se sumiram, eles tinham medo, não queriam porque se o senhor soubesse que eu era padeiro e que eu freqüentava o sindicato e o senhor tinha uma filha para casar o senhor não dava para mim. Eu chegava em padaria, aqui ainda existe essa padaria na Félix da Cunha que é a padaria Weidmann ali (o alemão é morto) eu tava trabalhando ali e ele andava para a Europa, naquele tempo e quando ele chegou, o filho dele disse: "-papai não gosta de preto aqui, mas você é bom padeiro vai trabalhar". Quando ele chegou ele perguntou se eu não era o tal do Machadinho e disse: "-Esse homem não me entra, não passa nem na frente da minha casa"(...) As vezes o presidente do sindicato, o Vanini, ele me dava um servicinho pra mim levar uma coisinha pra casa...

P.- Me diga uma coisa. O sindicato tinha, na época que eu andei vendo as atas uma bolsa de trabalho, era grande o numero de padarias que contratavam o pessoal através da bolsa de trabalho do sindicato?

R.- Tinha 35 padarias na cidade de Porto Alegre e a bolsa era para assentar esses padeiros que vinham do interior do estado. O indivíduo vinha, vinha sindicalizado dos outros lugares né, em cada uma cidadezinha dessas tinha sindicato, então ele vinha credenciado, com aquela credencial ele vinha diretamente ao sindicato, como ele não conhecia Porto Alegre, ele ficava na bolsa, na bolsa tinha um telefone se precisava de um padeiro ligava pra bolsa, se o senhor era um forneiro, ligavam: "-nós precisamos de um forneiro".

P.- Mas assim não eram todos as padarias que pegavam padeiros através da bolsa?

R.- Não, quando eles precisavam eles pegavam. Mas eles escolhiam o padeiro, aquele que eles achassem, uma comparação, eles podiam me chamar, às vezes tinha padaria que chamava e eu não tinha pescador na lista, às vezes eu tinha só eu e diziam "- Olha, aqui só tem o Machadinho..."

P.-O que é um pescador ?

R.-O pescador é um homem avulso, um homem que não é empregado de ninguém, ele é autônomo, né, quer dizer o senhor precisa de mim para varrer este quintal eu vou, se o senhor precisar de mim para lavar esta casa eu vou,...

P.-E por que se chama pescador?

R.-Pescador é porque é o meio mais fácil de se arrumar um serviço, né, "-O que é que você vai fazer? -Vou fazer uma pescaria, fulano tá doente e eu vou trabalhar no lugar dele". Então se tratava assim.

P.-Deixa eu lhe perguntar mais um negócio, então assim o senhor começou lá com 12 anos como padeiro e quando é que o senhor começou a se envolver mais com o sindicato, a participar das reuniões, a participar das ...

R.-No sindicato eu desde guri sempre participei, porque eu conversava muito pouco e eles gostavam de elementos que conversassem pouco e eu sempre tive uma idéia diferente dos outros. Eu achava que quando o patrão tava fazendo muita vantagem ele não era bom, que ele tava me explorando, ele tava me comprando e eu não dava muita confiança para ele, eu era revoltado, até hoje alguns padeiros me conhecem. Sabe, né que nem agora o fulano que agora saiu de presidente, sabe, eu trabalhei com ele, sabe que eu não era, não é dizer que eu fosse melhor que os outros, mas eu trabalhava, eu podia sair de Porto Alegre, me apresentar e dizer "- Eu sou padeiro" e o que me mandasse fazer eu fazia,...

P.-Agora deixa eu lhe perguntar um negócio, o senhor chegou a participar de alguma diretoria ou das juntas?

R.-Não, nunca, porque o senhor vê, ali precisa de gente que saiba ler, eu não sabia, mas nós tivemos um homem no sindicato que quase não sabia ler, ele aprendeu a ler dentro do sindicato, o Vanini, o Vanini era um homem analfabeto.

P.-Mas ele foi presidente em que época, este Vanini?

R.-Ele foi de 30 em para cá* , não era que fosse pela assembléia, era nomeado.

P.-Sei, uma comissão.

R.-É, então quer dizer que a gente, vamos dizer tinha uma assembléia e botasse o seu Pinto** de presidente, aí entrou uma lei aí, um decreto, a lei que o indivíduo para ser presidente do sindicato precisava de um ano de serviço numa padaria, então aquele lugar dele ficava um responsável, quando ele deixaria de ser, tirar aquele mandato dele o patrão era obrigado a aceitar lá.

P.-E esse Vanini era ligado a alguma tendência política?

R.-Ah, esse era, esse a mãe dele era irmã da senhora do dono de padaria mais rico de Porto Alegre, que mandava mais contra o sindicato em Porto Alegre, mandava com as duas mãos. Ele era um elemento, ele era um homem, eu por exemplo, eu cuidava dele, pra que eu vou dizer que não, mas ele era muito bom também. Mas ele não acreditava nos trabalhadores.

P.-O Pinto está perguntando se o Vanini este mandou queimar documentos, coisas que eram da história do sindicato?

* Na verdade do Estado-Novo em diante.

** Dirigente atual do Sindicato presente à entrevista

R.-Não, não, ele não mandou queimar, quer dizer que teve uma época que a própria polícia mandou invadir o sindicato, numa reunião nossa lá, numa assembléia geral, foi muito agitada e a polícia entrou e extraviaram tudo, extraviaram todos os documentos que tinham, um quarto cheio de coisa tiraram e colocaram na rua e fizeram, queimaram e o que eles achavam até prendiam, paralisavam e a sessão não continuava.

P.-Por isso que muita coisa já não tem no sindicato?

R.-Não, pois é, que isso são coisas de muita responsabilidade, o sindicato tinha que ter alguma coisa que esclarecesse, e naquele tempo, sendo anarquista eles pegavam qualquer um, qualquer um papelzinho se me pegasse no bolso um, um papel do sindicato na polícia eles me pegavam, né?

P.-O senhor...

P.-(Pinto) O Vanini era um reacionário, quem ele gostava tudo bem, quem ele não gostava, ele ralava ... também eu entendo, posso estar enganado, que ele preparou o substituto dele, que seguisse a mesma linha.

R.-É, ele seguiu, né, o Heitor quando ele morreu o Heitor seguiu a mesma rotina dele.

P.-Que Heitor?

R.-Heitor Cardenal, foi o próximo depois dele. Ele era tesoureiro, depois que ele morreu (ele morreu de repente), o Heitor seguiu. Porque o Vanini era muito bom, (a gente cuidava dele), ele chegava em dono de padaria às vezes que eu tava trabalhando e ele nem sabia que eu tava trabalhando naquela casa, ele às vezes ia lá conversar ou fazer alguma cobrança e ele entrava lá dentro e me via "-Oh, Machadinho, você por aqui?", e ele comunicava o dono da padaria "-Vocês tem esse homem aí dentro, Amanhã vocês tão lá no sindicato, esse homem é um elemento, mau elemento, ele vai ai dentro, ele vai orientar todo mundo e Amanhã" e ele era o presidente do sindicato ...

P.-E entregava o jogo...

R.-Entregava o jogo, tinha até...

P.-E ele era getulista, alguma coisa assim ?

R.-Ah, ele era ... ele era... Agora é possível que ele era getulista né, ele quer dizer que ele era um ... gurizote, sabe, ele não era um homem, não tinha partido, ele ia pro lado da caçamba, né...

P.-Oportunista, assim?

R.-É, oportunista queria ver se arrumava a boquinha dele, né?

P.-(Pinto) Qual deles? O Vanini ou o Heitor que foi candidato a vereador uma vez?

R.-O Vanini. Ele foi suplente até.

P.-Mas em que época, o senhor lembra?

R.-Aí é que tá, não lembro mas ele foi suplente.

P.-Deixa eu perguntar um negócio, em termos assim de condições de trabalho (por que tinha esse problema do trabalho à noite), como é que era? E o salário, era um salário que dava para sobreviver? Ou era um salário muito difícil de ...?

R.-Olha, o salário...

P.-Comparando assim com outras categorias...

R.-Olha, o salário quando o sindicato era bem (inaudível) era de acordo com o sindicato, de acordo com sua categoria, o senhor era forneiro, ganhava como forneiro, era quadrista tinha que ganhar como quadrista, o senhor não ganhava nem mais nem menos e aí bom, quando de repente veio vindo esse negócio, os patrões fizeram uma forcinha, então a gente fazia aquela ação direta que ainda tinha algum padeiro velho que orientava a gente, né? Que era mais novo, né? Eles faziam que quando a padaria não queria pagar o salário que compensava para a gente a gente fazia fazia uma massa, "faz a massa aí" seguia o serviço, deixava ela dentro da masseira, e deixava crescer, quando ele crescia a gente baixava, o mestre reunia 5 ou 6 como fosse e ia lá no seu fulano "- Seu fulano, nós viemos aqui lhe comunicar que nós queremos tanto de aumento" e o seu fulano dizia "- Nós não podemos dar aumento", o mestre então orientava a turma toda para ir com ele e dizia "-Uma vez que o senhor não pode dar, ninguém trabalha mais, a massa tá dentro da masseira, e o senhor chama padeiro ou chama quem o senhor quiser...". O homem via às vezes naquele tempo 500.\$ 000 ou 600.\$ 000 (500 ou 600 mil Réis) ali, 600.\$ 000 se comprava um bonde, né, comprava um automóvel, um Fordinho tava 2.500.\$000 (2 Contos e 500 mil Réis), é uma carteira de cigarro hoje, e o dono da padaria era obrigado a dá o aumento, se ele não desse o aumento perdia tudo. Então já a maior parte dos (inaudível) era a turma às vezes precisava era naquela padaria ter ainda padeiros unidos.

P.-O senhor me fala um negócio, mexendo lá nas atas... o seu nome é João Flores?

R.-É.

P.-Eu tava vendo o período da greve de 1933, aí chega a um ponto que diz lá "... foi despachado da padaria Brasil o companheiro João Flores" era o senhor?:

R.-Era.

P.-Logo no começo da greve naquela época o senhor foi..

R.-É eu trabalhava lá, né e esse homem era um homem muito bom, mas ele me tachava eu como um anarquista, e eu trabalhava na casa dele porque (O senhor não entende de padaria, tá certo que o senhor não vai conhecer) mas eu era um bom padeiro, né? Tanto prova que, às vezes, passava muitos anos num serviço porque eu era um padeiro que não defendia patrão, eu defendia o que era meu, mas também não deixava estragar o pão, eu tava às vezes com uma turma de 10 ou 12 homens comigo e eles queriam estragar ou queriam roubar, eu dizia "-Não senhor, isso aqui não, se o ordenado é pouco vamos reunir que eu vou lá pedir com vocês, mas não se mexe no pão".

P.-Quer dizer que o senhor valorizava o seu trabalho?

R.-Sim, comigo não tinha, e eles às vezes (inaudível).Pois tinha dono de padaria que dizia assim "-Vocês tem o Machado aí? isso é um homem, é um anarquista, mas é um homem que cuida da casa". E eu cuidava mesmo, comigo não tinha malandragem, tinha que andar dentro da lei, nós queremos lei, então temos que seguir a lei, se o ordenado é pouco, vamos ao homem, certo. E eu às vezes ainda agora há pouco tempo não faz muito tempo (trinta anos atrás) ainda havia aquela padaria, era a Padaria Brandini, do outro lado dali onde é o Parobé, ali havia uma padaria e a senhora mandou

me chamar, umas máquina que veio aí da América do Norte de manipular, e um forno que fazia, ... e eles me chamaram lá e disseram "-Olha, nós vamos lhe dar 50.\$000 (50.000 Réis) por mês, nós vamos botá uma máquina lá, e nós vamos botar um homem lá para lhe ensinar e para você aprender para depois tocar o serviço, e o homem ia lá, e eu nunca tinha tempo de ver a máquina, porque nós éramos seis, e eu sabia que adonde eu aprendesse a máquina o homem botava três homem na rua, ele botava três homem na rua, não precisava, e eu durante os homens que eu trabalhei lá eu nunca aprendi. Por causa disso eles me chamam de burro, "-Mas que elemento burro, ensinam ele a fazer e ele não sabe. "Quando eu saí de lá, dali a uns dois ou três meses só tinha dois padeiros, de seis tinha dois. Aí eu dizia "-Isso eu também sabia fazer" eu disse pra ele "-Eu tinha pena de vocês, eu não quero que vocês tenham pena de mim, porque eu sou padeiro, vocês são ajudantes de padeiro, é a mesma coisa que um servente de obra, o senhor é o pedreiro e eu sou o servente, pro senhor sempre tem serviço, pra mim tem que andar rodando, e isso acontecia. na Padaria Brandini era o seu Mesquita, ele era bom, mas ele me cuidava muito, cuidava a gente, porque padeiro fazia muita sabotagem, o senhor sabe o que é sabotagem?

P.-Sim.

R.-Fazia muita sabotagem, às vezes acontecia qualquer uma coisa, às vezes tinha padeiro, nós tínhamos falta de gente lá, uma vez entrou um cara que veio de fora (ele era até um mau elemento) pra pegar lugar de um outro. E eu não tava trabalhando, vieram me chamar em casa, os padeiros que trabalhavam comigo, vieram me chamar "-Machado, entrou um cara lá, que mandaram chamar, e ele vai tomar conta do serviço, e nós vamos deixar ele pegar?" eu disse "-Então vocês fiquem quietos, porque eu vou trabalhar de noite, vocês não falem comigo, eu chego lá, vocês me acompanhem, se eu continuar trabalhando direto, vocês continuem, se eu paralisar vocês parem, porque esse homem não pode trabalhar com nós, ele não é sindicalizado, ele não é sócio do sindicato, e isso é um mau elemento, né..." e era assim, porque eles tinham medo que eu sempre disse, o que faz mal pra nós, às vezes, é aquele que tá em roda de nós.

P.-Esse negócio do trabalho, do repouso no Domingo, repouso dominical, do trabalho diurno, que eram as duas reivindicações que aparecem sempre, isso parece que teve uma lei do município, em torno de 1925 e depois parece que esta lei não funcionava mais, aí foi necessário fazer greve de novo para conseguir. O senhor lembra desta história? Porque quando chega em 1933 eles falam assim, olha, já teve uma lei, depois a lei foi descumprida e agora tão lutando de novo, parece que era conquistada, era perdida e depois...O senhor lembra disso?

R.-Eu desse ponto não me lembro , não tenho recordação. Porque nós tínhamos repouso remunerado, eu trabalhava, nós távamos assim, eu, às vezes, parava Quarta-feira, às vezes Quinta-feira.

P.-Todo mundo tinha um repouso, só que o pessoal queria que fosse no domingo?

R.-É, por exemplo, eu folgo na Segunda, o senhor folga na Terça, no Sábado, quer dizer e o pessoal queria que fosse Domingo. E eles não queriam. Eles sempre escrivizaram ,muito os padeiros, depois que o sindicato se fortaleceu ...

P.-E os patrões perdiam alguma coisa se parasse tudo no Domingo ou era só para não...

R.-Olha, tinha isso, poque tinha padaria que às vezes o balcão vendia mais pão no Domingo que mesmo em dia de semana, muitas não abriam, porque era 30 e poucas padarias em Porto Alegre e nem todas abriam, a maior parte fechava, iam pra praia, iam para ... quem tinha mais dinheiro não se interessava mais e eles até pagavam mais. Um dia de trabalho, às vezes eles pagavam um e meio, dois, eles queriam que trabalhasse, mas o sindicato não adotava esse sistema, porque estava se furando o repouso

dominical, então a gente tachava os elementos que trabalhavam assim como carneiros, que não é pra trabalhar Domingo e eles trabalham. Mas teve uma época aí que a vida foi muito ruim, os patrões se uniram que nem eles tão agora, eles são os donos do campinho agora, eu até tava falando pro (...) "-Vocês são dono, porque agora vocês vê, no meu tempo a gente trabalhava né,... pão todo dia, porque vocês não dão pão todo dia? Vocês não pagam nada pro padeiro, não pagam nada, o que vocês dão prum padeiro?" É eu passo lá e ele me dá um pãozinho e eu pego mesmo, eu me dou bem, ele sabe que eu era meio revoltado, mas eu trabalhava. O seu Mesquita, esse eu incomodava muito, esse era um homem muito bom.

P.-Essa greve de 1933 durou dois meses praticamente, quer dizer durou um tempão, como é que ficava a cidade tanto tempo sem pão?

R.-Olhe, eu não quero lhe mentir, nós fizemos uma greve assim de, quer dizer que eu não sou como agora que eu vou no sindicato e visito, naquele tempo a gente ia numa sessão de assembléia, é que naquele tempo os padeiros que fizeram a greve pedindo 60% de noite e 50% de dia e os patrão disseram que não podiam dar, naquele tempo tinha intervenção, era o Ernesto Dornelles aqui, que era o interventor e os patrão diziam que não podiam dar então foi uma comissão do sindicato no palácio, por que eu não pertencia mas a gente sabia, que esclareciam na assembléia, a gente ficava circulando, né? Os caras foram lá falar com o interventor, isso e aquilo, eles esclareciam, foi então que o interventor disse que a única coisa que podia fazer era uma intervenção nas padarias, para ver se de fato dava para dar os 50% e 60% ou se de fato a padaria o que fazia não dava para dar aumento. Então, não olha, nesse tempo não era o Leopoldo Machado o presidente, era antes, era antes, parece que era um argentino o presidente do sindicato. Bom, e eles aceitaram né, então em cada padaria ele botou um sargento ou um cabo e dois brigadiano e nós pegamos a trabalhar como se fosse a padaria do homem, e a padaria levou, levou quase um mês, no fim do mês chamaram lá os peritos, lá fizeram as contas e viram que a padaria dava pra dar os 60% de noite e os 50% de dia e foi essa época que se parou mais tempo, foi essa época.

P.-E quando tinha uma greve longa assim, como é que ficava a população, ficava sem pão?

R.-Olha, sempre aparecia um carneiro, sempre aparecia uma casa que a gente cuidava mas eles faziam pão.

P.-Mas ficava difícil de atender a todo mundo?

R.-Ah, não entendia, que esperança, não atendia.

P.-E como é que a população reagia, entendia as reivindicações ou ficava contra o sindicato? Assim, o pessoal que precisava comprar pão e chegava lá e não tinha?

R.-Não, teve uma época que o povo ficava assim meio sentido com os padeiros, mas era por pouco tempo, né? Porque os padeiros sempre eram, eles movimentavam muito a organização do operariado, tanto prova que quando veio essas 8 horas foi o único sindicato que levantou, né, e aí eles davam 10, 11 horas de serviço pros caras, 9 horas e meia, e o sindicato paralisou aí, aquele que trabalhasse era carneiro, e depois, não é, apanhava, né, porque eu não vou dizer, naquele tempo era...

P.-Então era um dos sindicatos mais fortes?

R.-Foi o mais forte, se tem alguma coisa beneficiando os trabalhadores aqui no estado e no município que não foi a lei que criou (conquistado) antes da lei, foi o sindicato dos padeiros.

P.-Quer dizer que quando conquistava alguma coisa ia abrindo campo pros outros?

R.-Abria espaço pros outros.

P.-Isso era uma coisa que eu tinha a impressão

R.-Quando, por exemplo, a lei de 8 horas, quando veio a lei de 8 horas, aquela classe que não queria trabalhar mais que isso o sindicato ajudava ela, ajudava. Porque tinha patrão que não queria dar 8 horas, o sindicato lutou muito...

P.-E antes de 8 horas era 9 horas, 9 horas e meia?

R.-Ah, fora de padaria era agora padaria era por tarefa. Era tantos sacos para tantos homens, a hora tinha hora pra pegar, e não tinha hora pra largar.

P.-E essas greves aí antes de 30 que o senhor falou que tinha tiroteio, assalto de padaria, tem uma história também das carroças de pão que jogava...

R.-Ah, o ovo com clorofórmio, químico, quer dizer que o sindicato mandava um cara, por exemplo, a padaria x tá fazendo pão Segunda-feira e o sindicato não quer que faça e ele, sempre aparecia aqueles elementos na contra, porque sempre tem dentro de uma entidade destas os elementos que não vai com a organização, ele sempre tende pro lado dos patrão e isso que descontrola, às vezes, porque se todos nós pensasse, mudando um pouco, eu sou o tipo do cara que às vezes eu venho no ônibus e vinha dizendo pois é, agora vai ser controlado isso aqui, o senhor sabe o que é, o povo estuda muito, quando eu me criei, se visse um homem lendo era algo extraordinário, hoje não, você não vai educar um filho para aprender a plantar feijão, para aprender a plantar arroz, você vai educar um filho para ele ser um homem intelectual, e ele estudando ele tá visando o interesse de si próprio, ele não tá visando o interesse da coletividade, e o que ele tem com isso, que eu tenho 88 anos, quem mandou eu nascer primeiro do que ele, ...

P.-(Pinto) É, um tipo de coisa que a gente contesta muito, é o tipo de universidade que nós temos, o que vem ao encontro do que ele tá dizendo né, claro que tem as exceções, né?

P.-Eu ia lhe perguntar um negócio, o senhor é chamado de anarquista, diziam que o senhor era anarquista.

R.-E eu não sabia o que era.

P.-Mas o senhor não se considerava anarquista?

R.-Eu não, porque eu não sabia o que era um anarquista.

P.-Agora, na direção do sindicato tinha pessoas que se consideravam propriamente anarquistas?

R.-Tinha, porque aqui em 1917 apareceu o ... não me lembro assim se ele era...

P.-Alemão?

R.-Não ele era daqui, o Sacco Vanzetti, não sei se o senhor ouviu falar, um grande anarquista, esse era anarquista, era castelhano, ou alguma coisa assim, e ele na greve de 1923 ele deu um discurso ali na Praça que reunia, se convocava tudo que era sindicato e ele na praça pública disse que...num discurso ele disse tudo, tudo que ia vir, que ia haver uma revolução, (que foi em 30) que os operários iam passar por isso, e que

ia chegar uma época, ele esclareceu, que a classe média ia sentir tudo, que todo mundo (eu não sei como é que ele pronunciava), mas que todo mundo ia sentir a miséria e que aquela classe que não ia sofrer muito era aquela classe que já tá acostumada a sentir, mas a média, a rica, isso tudo ia sentir a rebordosa. Ele orientava os elementos do sindicato...

P.-Isso em que época o senhor acha que é mais ou menos?

R.-Olha, isso eu não era velho, eu era gurizote, isso eu andava aí levantando pandorga, aí, isso deve ser em 17, mais ou menos.

P.-Era um..., o senhor acha que era castelhano? Ou italiano?

R.-É , eu não me ...ele era... o senhor deve ter sabido que o americano pegou ele e pôs na cadeira elétrica, por causa que ele era anarquista ...até o mundo todo protestou, o operariado protestou...

P.-Então assim o sindicato foi assim fundado em

R.-Em 3 de agosto de 1913.

(A transcrição do restante foi impossibilitada devido a problemas de gravação)